



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12226 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

POR UM CURRÍCULO DE POSSIBILIDADES: INTERPELAÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURAL

George Ribeiro Costa Homem - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Bárbara Rocha Souza - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ e CAPES

POR UM CURRÍCULO DE POSSIBILIDADES: INTERPELAÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURAL

Este ensaio tem a tarefa de apresentar algumas considerações acerca do currículo a partir de uma perspectiva pós-estrutural, trazendo à baila alguns dos aspectos que permeiam os estudos do campo, tendo em vista a produtividade e a disseminação das pesquisas a partir dessa abordagem teórica.

Nessa direção, argumentamos que a perspectiva pós-estrutural, imprecisamente, pode ser identificada como movimento crítico reflexivo das condições de estruturalidade que sustentam os ideais da modernidade. Seus pensadores desconfiam da estruturação montada a partir da racionalidade absolutista do sujeito (sua centralidade e autonomia), questionam as promessas de verdade das grandes narrativas, apontam o esvaziamento de sentido na construção da realidade, problematizam os sistemas de significação e representação, expõem a ingerência das relações de poder, (re)significam os papéis do discurso e linguagem e, ainda, estranham o projeto de sociedade apresentado – sua linearidade, homogeneidade, generalismos e universalismos.

Assim, apressadamente, podemos indicar que essa teorização desloca o “eu” de um lugar seguro, fixo, estático (e solitário) – de onde opera uma consciência como produtora da realidade – para um lugar de magma significação, de conflitantes contextos históricos, linguísticos, experienciais e relacionais. Contrapõe a premissa cartesiana de um sujeito autodeterminado e autônomo por considerá-lo muito mais “assujeitado” do que aparenta, muito mais enviesado (e fragmentado) pelos diversos e dinâmicos cenários. Não se trata, portanto, de uma ode ao anti-humanismo ou irracionalismo, nem tampouco uma ruptura, antes, uma abertura à possibilidades outras - de perspectivas e sentidos.

Esta abordagem irrompe o sistema de representação a fim de repensar a lógica que relaciona discurso e verdade. Nessa direção, as pesquisas que dela se apropriam não fazem uso de uma metodologia sistemática, padronizada e previamente validada capaz de garantir

uma resposta final ou dados originais, verdadeiros. Elas buscam criticar, confrontar, aprofundar as articulações discursivas sobre um dado problema tendo em vista seu caráter de (im)possibilidade (OLIVEIRA, 2018).

Contribuem para este entendimento os escritos de Jacques Derrida, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, dentre outros estudiosos, por destacarem a precariedade do discurso devido às incertezas, indeterminações e relações de poder que o atravessa. Nestes termos, apontamos, como um dos principais pontos da análise pós-estrutural, o conhecimento (WILLIANS, 2013).

Esse, por sua vez, exerce dupla função na lógica moderna: tanto determina as assertivas úteis para o modelo de sociedade, quanto preconiza o acesso à verdade. Para isso, imobiliza e paralisa seus sentidos para fixá-los. Como efeito, surgem termos muito contestados: início, meio e limite (do próprio conhecimento). Desta maneira, garante que haja um caminho para a verdade (viés metodológico), bem como que exista uma verdade (viés ontológico). Para justificar suas premissas, tenta naturalizar o processo e cria a ciência, como chancela de credibilidade e confiança.

É nesse ponto, então, que chamamos atenção para o vínculo que o conhecimento estabelece com a educação e currículo. A educação como processo de propagação/conservação desta lógica, estabelecendo um ethos para o modelo único de sociedade. E o currículo, coisificado como instrumento normativo, estabelecendo a materialidade do que pode ser conhecido e deve ser conhecido.

A perspectiva pós-estrutural põe em suspeição a educação (seu papel e missão) ao questionar discursos e intencionalidades latentes, expondo uma velada tecitura de poder (que disputa sentidos) instalada no seio das instituições sociais. Também, questiona o protagonismo do sujeito e sua competência para determinar o que deve ser importante para o processo educativo. À esta altura, nos ocorre pensar o currículo, emblematizado como dispositivo operante da práxis educativa, precisamente por apresentar centralidade, fixidez e normatividade, corporificando tratativas que a abordagem aqui adotada se propõe a criticar.

Assim, pensar na atuação das políticas curriculares – que elaboram determinado currículo – a partir do viés abordado, é considerá-las enquanto espaços de constantes disputas discursivas, travadas por diversas demandas que almejam fixar seus -particulares- sentidos, ainda que provisórios, precários e contingentes (LACLAU, 2011; LOPES, MACEDO, 2011). Logo, a precariedade destes sentidos, inviabiliza e descredencia qualquer engessamento que se proponha como parâmetro normativo, ainda mais de processo tão amplo, heterogêneo, performativo e diverso como o educativo.

Nos idos atuais, a partir do exposto, podemos perceber um currículo sonorizando intencionalidades hegemônicas (dos interesses dominantes que o financiam) e corporificando as ideologias de (re)estruturação social, fomentando os valores mercadológicos sob a égide do viés econômico - ideal neoliberalista. Posto em funcionamento, este currículo instaura mecanismos de controle e regulação no ambiente escolar (não por coincidência se assemelhe à expertise de produção), estimula a competição desmedida (sob o véu de liberdade) em prol de resultados, metas e produtos.

Ademais, a perspectiva aqui abordada, se mostra produtiva ao engendrar uma percepção de currículo como produtora de sentidos em um ambiente de “pós-verdade” - de interpelação das assertivas que até então referenciavam um ethos educativo - para além dos engessamentos, sedimentações e essencialismos. Uma percepção que descredencia a elaboração e o plano (meros arroubos da vaidade do “eu” que pensa decidir algo), atenta para as relações de poder envolvidas a fim de redimensionar espaços, não em prol de um resultado, mas na seara aberta do talvez. Assim, à mercê de uma imprevisibilidade, da inevitabilidade e da contingência – muito mais alinhado a uma possível noção de educação.

Uma percepção de currículo que escape à ótica da competição e do corolário da disputa e esgace a narrativa valorativa binária que estabelece o bom e o mau: talvez, esta perspectiva torne o currículo menos prescritivo e mais dialógico, mais discursivo. Paralelamente, assim como o eu é uma categoria instável, em permanente atravessamento pelo outro (BUTLER,

2021), também o currículo deve ser percebido como instrumento cambiante em constante atravessamento por outras narrativas e representações.

Estes atravessamentos contribuem para produzir deslocamentos. Os deslocamentos são sine qua non para desestabilizar a fixidez e engendrar o movimento. Operam com a ideia de possibilidade enquanto acesso ao domínio do im-possível (DERRIDA, 2012) que, por sua vez, permite o entendimento do currículo (e educação) desamarrado da noção reduzida a de conhecimento (e aquela à noção reduzida à ensino-aprendizagem). Desaloja, ambos, da instância da certeza e segurança, para a instância da possibilitação.

Palavras-chave: Currículo, Pós-estruturalismo, Educação.

Referências

BUTLER, Judith. Não violência, direito ao luto e crítica ao individualismo. In: BUTLER, Judith. A força da não violência: um vínculo ético- político. São Paulo: Boi Tempo, 2021. Pp 37-64

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. Revista Cerrados, 21(33), 2012.

LACLAU, Ernesto. Emancipação e Diferença. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Teorias de Currículo. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa. Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre Teoria Política do Discurso e Análise do Discurso em Educação. . In: LOPES, A. C.; OLIVEIRA, A. L. A. R. M. D.; OLIVEIRA, G. G. S. D.

(Orgs). A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife: Ed. UFPE, 2018. p.169-216.

WILLIAMS, James. Pós- estruturalismo. Tradução de Caio Liudvik, 2 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.